



Guilherme Lessa Bica
FOME DE TUDO

Inspirado pelo álbum homônimo de **NAÇÃO ZUMBI**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

mojo
BOOKS

FOME DE TUDO
GUILHERME LESSA BICA
uma história inspirada por
FOME DE TUDO
NAÇÃO ZUMBI

SÃO PAULO, JULHO DE 2009
1ª Edição

COPYRIGHT © 2009 BY GUILHERME LESSA BICA
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS



PUBLICADO NO BRASIL POR MOJO BOOKS, SÃO PAULO/SP – WWW.MOJOBOKS.COM.BR

FOME DE TUDO

GUILHERME LESSA BICA

EDIÇÃO: **DANILO CORCI**

DESIGN: **DELFIN**

REVISÃO: **MOJO FACTORY**

CAPA: **MOJO FACTORY**



FOME DE TUDO

NAÇÃO ZUMBI

LANÇAMENTO: **2007**
SELO: **DECKDISC**

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Bossa Nostra
2. Infeste
3. Carnaval
4. Inferno
5. Nascedouro
6. Onde Tenho que Ir
7. Assustado
8. Fome de Tudo
9. Toda Surdez Será...
10. A Culpa
11. Originais do Sonho
12. No Olimpo



FOME DE TUDO

GUILHERME LESSA BICA

1. O DESPERTAR

Jorge caminha pela calçada sem enxergar, ouvir ou suspeitar da existência dos outros pedestres, dos carros que parecem guiados por uma força superior, das paredes carcomidas do viaduto. Nada. Desde que o poeta Chico abriu seus olhos, recitou aquelas palavras que pareciam até doer quando proferidas — uma dor sublimada, que divide terreno em cerca tênue com o prazer — ele não consegue pensar em coisa alguma.

Voltava do estágio no fórum, como fazia todos os dias, dobrara a mesma esquina insossa, de poças que revelam fotografias disformes do céu, de diálogos triviais nas paradas de ônibus, quando um sujeito inquieto, metido em farrapos e com os olhos de brasa louca lhe chamou pelo nome. Era o poeta Chico. Executava movimentos desconexos entre os automóveis que retornavam para casa. Não trazia medo nos olhos, pelo contrário, a segurança que emanava de poeta Chico, sobretudo dos olhos, evidenciavam uma suspeita que Jorge comprovaria pouco tempo depois. Ele escolhera morrer. Jorge não sabia o porquê. Sentia o cheiro de morte, agora sentia um odor que provinha de todos os lados. Das mesmas paredes que perderiam esse aroma em minutos, dos vincos daqueles que repartiam a calçada com ele, talvez até do esgoto que carregava a matéria descartada desses mesmos seres sem cor.

O carro acertou Chico de frente, o poeta de braços abertos a recebê-lo, mas com cara de quem nascia, de ventre fecundo, e não de ator da cena lúgubre

que protagonizava. Ainda com o corpo frágil e de roupas puídas amparado em seus braços, Jorge escutou o último suspiro do velho: “A fome da mente é o combustível do corpo.”

E despertou.

2. A INICIAÇÃO

Quando cheguei, faz uma hora, a bagunça já havia começado. Evito ambientes como este, mas os últimos acontecimentos me impeliram para cá. A casa é de um conhecido, espaço amplo, piscina limpa e mulheres de corpo opulento. Isto é apenas um aquecimento, ele me garantiu. Um imbecil, o cara. Empresário de sucesso, leitor de biografias estrangeiras traduzidas precariamente para o português. Assegura, apontando para a estante que guarda os livros, que aprendeu tudo o que sabe com aqueles gurus — outros macacos do mercado internacional.

Os grupos espalhados pela casa respeitam, agora, o entorpecente que consomem. Os que dividem um baseado estão ao lado do som, rivalizando teorias sonolentas sobre MPB. Perto da piscina, com maior abundância de mulheres, outra turma compartilha o pó, presumo. Discutem sobre algo, mas com maior aspereza e a voz mais alterada que os anteriores. Há o excesso devido em consumo, gestos, em tudo. E é esse excesso que escolho. Abasteço o copo com mais uísque e me aproximo.

O caráter inútil que todas as pessoas aqui presentes possuem me comove. Caso algum maluco chegasse e disparasse desordenadamente tiros pela casa, inapelável, nenhuma transformação profunda ocorreria nem mesmo na cidade, e a raça humana não perderia muito.

Esse tipo de reunião funciona como um leilão. A matéria em negócio são

as mulheres. O mediador é a droga. Nós, os consumidores de ambas. Já escolhi minha presa. A loira de curvas fartas. A aproximação deve ser cautelosa, sem baixar a guarda cedo demais, mas ostensiva o bastante para excluir eventuais adversários persistentes. Ela concentra a atenção do grupo do pó com um discurso esmerado sobre a autonomia que o trabalho e a independência sexual proporcionam em sua vida. Alguns machos simulam atenção, outras colegas simulam enfado. Acelero nos goles do uísque e tomo uma carreira inteira de sua mão como se a conhecesse desde sempre. Pronto. Vou comê-la. O que ela menos queria era o olhar mendigo desses idiotas que fingem entender o que diz. Olha-me com uns olhos faiscantes, que logo escorregam para a concordância magnânima — jamais admitiria derrota em meio aos seus.

Não fosse o efeito causado em meu cérebro, a atitude repentina teria alcançado o sucesso absoluto. Mas de alguma forma foi assim. As cores ganharam mais brilho. Consigo definir cada instrumento que ouço do rádio esgarçado. Como uma mesa de estúdio pomposo, de aparelhos sensíveis.

O cheiro que me alcança agora já não traz a poeira branca da coca, a fumaça leitosa da maconha ou a irritação alucinante do álcool, nem mesmo o aroma acre da morte de mestre Chico. O que trago em minhas narinas é o odor cru de sexo. Do sexo da loira. A loira que vou comer. O cheiro. A loira. A fáiisca. O sexo.

3. O ENSAIO

Para chegar ao sítio onde a festa ia rolar, precisei da benevolência do dono da casa. Consegui uma carona quando já deixava a garagem. Ele freou o carro, examinou o lugar vazio que eu iria ocupar, para exhibir-se aos que carregava, e destravou a porta.

A festa já acontecia há algumas horas. Uma *rave* num terreno afastado alguns quilômetros da cidade. Tendas brancas maculavam o negro em que o verde do campo se transformava durante as madrugadas. De resto, figuras, cores e demais componentes artificiais que complementam esse tipo de evento: cores metálicas pulsando pelo chão, colorindo os corpos e alcançando o teto, bebidas borbulhando em copos transparentes e o som de batidas demarcadas, acelerando e desacelerando as pernas de quem era embalado por ele.

É curioso como o ritual de acasalamento humano não desenvolveu sistemas mais complexos com o passar do tempo. Em grande escala, ou seja, para a maior parcela da espécie, o mesmo acontece há milhares de anos. O macho, outrora responsável pela caça, com o advento dos supermercados e a proximidade de um sedentarismo, agora molda à exaustão o corpo em academias; deixou de revelar o dorso completamente nu, mas ainda consegue expor os braços avolumados em camisas de manga cavada. A fêmea, que em quase todos os outros graus de convivência — trabalho, estudo, família — reivindicou e ainda reivindica maior autonomia e o poder absoluto da situação, capitula quando o assunto é o sexo:

a invariável invasão sofrida por ela, de fato, é uma barreira intransponível para revolucionar algo nesse sentido.

Tentava deixar de pensar nisso enquanto caminhava em meio aos corpos que pareciam obedecer e respeitar uma ordem divina, como gorilas pisando em brasas, com os pés já adormecidos. Mas já não estava lá para remoer amarguras, e uma mão pesando em meu ombro revelaria isso. A loira da concentração. Traz no rosto as marcas do uísque, do pó e de algumas balas. Está elétrica.

Saímos num trotar ligeiro para o estacionamento. Paramos atrás de uma caminhonete. Ela abre o zíper com habilidade e começa seu trabalho. A música, em menor volume, mas com a mesma intensidade, permanece em meus ouvidos. A loira acelera o boquete. Começo a sincronizar o movimento de sua boca com as batidas do techno, numa dança ainda descontraída. O som acelera, a loira também. Vejo as cores dançando pelas tendas. Quantos daqueles corpos vão copular ainda hoje? Poucos. Talvez haja nisso uma involução: nos anos sessenta jovens também se reuniam para ouvir música e cultuar as drogas e o sexo, e realmente copulavam, aqui, o pudor é maior. A juventude é financiada em academias e estéticas. Vermelho, muito vermelho, e caminha pelos corpos, desliza pela grama, alcança as coxas de algumas mulheres — as batidas e a felação estão quase juntas — e o vermelho toma conta de tudo, braços, pernas, peitos, eles também aceleram o passo na pista, as nuvens passam mais rápidas, o boquete, a batida, os corpos, as nuvens.

Gozo em sua boca quando foguetes colorem o céu. Ela engole com o zelo de quem conhece o terreno. Puxa dois guardanapos. Com um, limpa a boca. No outro, escreve seu nome, Lucia, e o número do telefone. Desaparece entre os carros, e volta pra festa.

4. O PURGATÓRIO

Trabalhar no Poder Judiciário sempre causou certa repulsa em Jorge. O estágio que fazia não representava esperança alguma em aprender muito sobre o Direito. A maioria das funções que desempenhava poderia ser executada por um analfabeto, sem maiores percalços. Aliás, o trabalho dos outros não demandava uma inteligência maior. Era o caminho decorado, repetido e logo realizado satisfatoriamente.

E a rotina de agüentar aquela sala asfixiante reverberando a voz das colegas, fazia-o contar as horas. Não gostava de ninguém lá. Sabia que ninguém gostava dele também. Sobretudo Vera, a solteirona, há vintes anos na mesma sala, o mesmo carguinho seguro e medíocre, o papo aguçado sobre a vida alheia. Ninguém comia Vera, ela não merecia um segundo olhar. E descarregava isso nos estagiários e naqueles atingidos pela sua língua.

Nem o juiz escaparia ao julgamento de Jorge. Figura mítica, exigia ser chamado de doutor, distribuía ordens sem olhar nos olhos dos subordinados. Seguia a lei com a mesma servidão que um cavalo presta ao dono, e sempre era obedecido. Até hoje. Elevou um pouco a voz e mandou Jorge apanhar algo no primeiro andar. “Não.”. Soltou as folhas que lia na mesa e encarou Jorge, animal destemido, pernas velando a trepidação. “Não?”, perguntou o juiz. “Não!”, confirmou Jorge. Um temor perpassou os demais na sala. E o juiz saiu derrotado, batendo a porta e inventando a humildade que não tinha.

Vera mirou Jorge com reprovação e entregou-lhe uma pasta para que levasse ao quinto andar. “Não!”. A mesma imagem corajosa recendia de Jorge. Se o juiz rendeu-se ao empregado, Vera não teria forças para enfrentá-lo. Saiu reclamando daquelas barbaridades e aos poucos a voz sumira dentro do elevador.

Jorge apanhou suas coisas e deixou o fórum. Os olhos demoraram um pouco para acostumarem-se com o colorido da rua que o sol proporcionava. Lembrou das palavras de mestre Chico e resolveu que estava liberto.

5. A REINVENÇÃO

Jorge vendeu tudo o que tinha. Retirou no banco a poupança que acumulava para uma viagem à Europa. Era o que precisava para começar a agir de verdade.

Iniciou a reinvenção com a Mercedes velha cor de manga, amarela, como no filme de Cláudio Assis. Ela brilha agora aos serviços dele. Nos lábios, a fumaça que sai é de charutos da ilha de Fidel; os olhos protegidos pelos óculos espelhados; e, na cintura, o revólver que negociou com um policial civil.

Jorge dirige e pensa em meio à neblina do charuto, dentro da Mercedes. Jorge pensa. Jorge dirige. Fuma. E a fome vai crescendo: a fome de sexo e de liberdade.

6. APRECIÇÃO

Cheiros fortes sempre me agradaram. A gasolina deixa a bomba e, devagar, encaminha-se para o carro, sabia do dever de explodir, abnegada serva do transporte, aroma que desperta desejo e repulsa. O cheiro de sexo no quarto enquanto os amantes adormecem exaustos excita até as paredes. O cheiro de bebida amarga embriaga num hausto.

Mas o ar que a cidade adquire às madrugadas é o que mais me atrai. O banho de cada dia foi tomado pelo cidadão, agora ele se recolhe ao conforto do lar. O odor que fica nas ruas é de tudo o que foi descartado, esquecido ou ignorado por ele. Esse cheiro autêntico, que não é velado por perfumes — sempre artificiais —, é disso que falo. Caso ele tivesse cor, seria escura; um som, denso; e uma pele, pegajosa: ou seja, incontestavelmente humano.

A Mercedes avança pela avenida principal, na beira do rio. Posso contemplá-lo a essa hora como se fosse propriedade minha. Não há outros carros rodando vagarosos. Acendo mais um charuto. Cheiro forte, outro deles. Longe, num canto de terra, parecendo ilha, a fábrica fuma seu charuto na vertical, torre que contribui para o perfume das noites daqui.

O asfalto está seco. Nada de chuva há semanas. Consigo sentir o pneu tocando o solo ressequido, ferido por pedrinhas que solitárias não causam prejuízo algum, mas agrupadas desgastam a borracha preta. Não me importo. Antes que ela se desfaça, a Mercedes amarelo-manga já não me será mais útil.

7. A MORTE

Jorge liga para a casa do chefe. O corpo começa a dar sinais de cansaço. Há dias que não lhe permite descanso. Desde o encontro com mestre Chico. Apenas cochilos despertados em sobressaltos. O sol morre atrás dos prédios. O rio começa a escurecer. E Jorge liga para o chefe com a desculpa de justificar mais uma falta e querendo encontrá-lo em sua casa. Simula arrependimento pelo episódio no fórum. O chefe finge que não levou aquilo muito a sério, mas concorda com a visita, estaria esperando às oito.

O asfalto que leva à morada do juiz é iluminado pelo sol opaco que despede a tarde. Jorge tem tudo planejado em sua cabeça. Mestre Chico apenas fizera saltar à vista algo que ruminava de tempos em tempos. Tornou vivo, pulsante, transformara um zunido baixo em uma angústia permanente. No desfecho do caminho, Jorge completou o discurso mental enquanto fazia a curva para estacionar em frente ao portão. As casas vizinhas desabitadas. Curioso. Melhor assim, torna tudo mais fácil, terá mais tempo.

As portas são abertas sem a provocação da buzina. Um empregado à paisana, claramente recolocado no posto em seu horário de folga, encaminha Jorge à principal sala da casa e os deixa a sós, com a permissão de ir embora. O chefe espera em pé, ao lado de uma poltrona aparentemente confortável; ainda no corpo vestígios do dia de trabalho: camisa de botões, gravata amarrada ao pescoço — agora com o nó alargado —, calça e sapatos escuros. Não permite

a Jorge a oportunidade de um cumprimento, as duas mãos ocupadas: numa, um cigarro escuro e fedorento; na outra, o uísque dissolvendo duas pedras de gelo.

Dele recende tudo o que Jorge repudia: a arrogância de ter chegado ao posto que ocupava com menos de trinta anos sem as condições e a vivência para tanto; a onipresença que ele acredita protagonizar; a obediência quase infantil cujas sentenças que distribui concedem à lei; e, principalmente, a satisfação de enjaular sobretudo pessoas mais velhas que ele, enquanto despeja o discurso de reprovações. Jorge quer consertar tudo isso num gesto.

O juiz pergunta, quebrando o silêncio quase palpável que separava ambos, se Jorge quer lhe dizer algo. Ele confirma que sim apenas com um movimento de cabeça na vertical. Leva a mão esquerda à cintura, retira a arma, engatilha-a, aponta na sua direção e começa a falar:

— Quero. E falo em nome de todos aqueles que já sofreram um pouco que seja com seres pedantes como tu. Todos aqueles que não têm e nunca terão coragem de dar um tiro no meio da cabeça daqueles que merecem levar. A tua arrogância não te deixou desconfiar de tudo isso que agora acontece aqui. Tu nunca viu em mim uma ameaça ao teu pequeno império. A forma como todos te recebem no fórum, a trepidação que atinge desde o porteiro até o mais alto funcionário, todos, segundo tua formulação, teus subordinados, carregam consigo o respeito que não sabem de onde vem, quem criou, mas imitam os outros que já respeitavam antes deles, algo retroativo. Algo que, agora, passa a ser arcaico. Amanhã, eles estarão livres. A cidade estará livre. Eu sei que vão me culpar, que serei apontado como vilão nos primeiros dias. Mas quando o ar

estiver mais limpo, quando o sorriso estiver mais solto, quando a tua lembrança se transformar apenas num lamento pela tua mediocridade e não um lamento pela tua falta, então o meu ato será justificado.

O tiro saiu certo, no meio da testa, como calculado por um compasso, numa operação matemática cirúrgica. O copo caiu das mãos do juiz e não se quebrou, formou-se um pequeno lago de uísque ao seu lado. O corpo ficou logo depois, o cigarro ainda entre os dedos, esmagado por uma reação assustada. Era a segunda vez, em dias, que o juiz saía derrotado, e seria a última delas.

A Mercedes amarelo-manga deixou o bairro levada para o lado contrário das sirenes cada vez mais próximas. O ar adensado pelo charuto nos lábios e as mãos sujas de sangue. O cheiro de morte rivalizando com o do charuto. Cheiro de sangue. Cheiro vermelho. De metal úmido. A fome começava a ser saciada.

8. O GOZO

Tinha ficado de pegar Lucia na mesma noite. Joguei fora o revólver e, em minutos, parei na frente de sua casa. Ela atravessa a porta e revela as pernas nuas. A saia esconde apenas o que é necessário. Outra brecha na roupa expõe o abdômen liso. A blusa cobre os seios e, parcialmente, os braços. Ela entra no carro, sorri e me beija. Não trocamos palavras, o que me agrada. O perfume é doce, ela está limpa, sinto o cheiro do sabonete, a higiene dela é completa. O que me faz acelerar o carro, exigir da Mercedes para que cheguemos logo, para que o sexo macule todo o branco que Lucia exala e não mascare sua verdadeira essência.

Chegamos ao sítio onde ocorrera a festa dias antes. A porteira mantinha-se escancarada, sintomática. O desleixo parecia comandar as coisas por lá. Restos de cores metálicas eram o único vestígio de que pessoas aglomeraram-se ali há pouco tempo, colocaram em prática rituais de acasalamento, buscaram nas drogas o tipo de transcendência que a rotina não permite e — a maioria — retornaram frustradas para casa.

Descemos. Lucia senta sobre o capô do carro. Recolhe a saia. Esquecera-se propositalmente da calcinha. Ela estica os braços amparados no amarelo-manga da Mercedes, virando-se de costas. Aproximo meu corpo do dela. Cabeça escorada sobre o ombro, ela ofega com mais rapidez. Afasto as pernas de Lucia.

de vez toda aquela limpeza e aquele ajuste que encarnava há minutos. Ela geme, surpresa. E retribuo com mais velocidade, levantando-a e a soltando sobre o capô. O barulho do metal a excita. Ela toma a iniciativa de aumentar a frequência, mas não deixo. Emprego mais lentidão ao movimento, o que irrita Lucia, que começa a empreender um vai e vem cansativo e acalorado. Quando não esperava, voltei com tudo à ativa, trabalhando também nos seios fartos dela. Aquela mesma mão que disparara a arma, ainda com cheiro de sangue, maculava agora o corpo de Lucia; e tenho certeza que se confessasse a ela tudo o que tinha feito horas antes, naquele momento, ela não se importaria. Nada era mais emergencial do que enfiar o máximo de vezes e o mais profundo possível meu pau dentro dela. Começava a se desesperar, lambia o amarelo-manga da Mercedes como se fosse ouro, um ouro comestível, teria mordido se a superfície não fosse lisa. Num último sobressalto antes da exaustão, acelerou e berrou como ainda não fizera, como um grito de protesto pelo vazio de sua vida, vazio agora preenchido, mesmo que momentaneamente.

Fome de sexo saciada, saio dela bruscamente. Ela fica deitada sobre o capô durante alguns minutos, ronronando palavras incompreensíveis, na mesma posição: cabelo desgrenhado, saia e blusa unidas num risco horizontal sobre a cintura, simulando um cinto, porra escorrendo pela perna e maquiagem borrada pelas lágrimas: a personificação do fastio.

9. A DESPEDIDA

Seres como Lucia convivem com uma tensão permanente: a vontade de corresponder ao ideal das telenovelas, aos finais felizes, achar um cara respeitável, casar, construir um relacionamento estável, ter filhos, preparar almoços de domingo com toda a família reunida, enfim, ser uma cidadã de bem e a vontade de ser tão desejada quanto as cantoras da música pop mundial: o cabelo alisado e iluminado, a roupa econômica no tamanho e o silicone que turбина os peitos denotam isso. A certeza de que não há como conciliar as duas coisas deve martirizá-la. E consistem, as duas escolhas, numa limitação, no máximo que Lucia pode alcançar — nunca atingirá nada além disso.

Por isso, essa existência medíocre dela quase me penaliza, penso em dizer-lhe algumas palavras, mas me contenho. Quando estaciono na frente de sua casa, ela se despede com um beijo, silenciosa, como adivinhou que gosto, e deixa o carro.

Ela sabe tanto quanto eu que, a não ser que algo saia errado, nunca mais nos veremos.

10. O REMORSO

Jorge chega até a beira do rio. A madrugada ainda mantém a lua de pé. Caminha pelo calçadão que acolhe as ondas diminutas. O silêncio seria total caso o vento não corresse ligeiro. As luzes dos postes públicos tornam tudo um pouco mais alaranjado. E o cheiro de morte volta, persegue Jorge.

Matou o juiz com a certeza que ajudou a firmar sua mão, não tremera em nenhum momento. Talvez antes, quando visualizava a situação, ensaiava mentalmente. Mas, diante dele, nada. Apenas sensação de ter o futuro da cidade nas mãos, a certeza de contribuir para tornar a vida daqueles seres incapazes de atitudes extremas, melhor.

Separado de tudo o que acontecera, da confissão de mestre Chico, da transformação de Jorge, do inconformismo que lhe acometeu e da fome permanente, o tiro disparado na testa do chefe não teria sentido, ele entendia isso. Mas não há como desagrupá-los. Eles pertencem à mesma cadeia de acontecimentos. Talvez ele nem estaria agora caminhando e cuidando os reflexos que desenham figuras disformes no rio, se o poeta não tivesse tombado e lhe chamado pelo nome, entregando a Jorge uma tonelada de deveres. Sentia um peso que não podia medir. Seria culpa? Agora, quando a jornada chegava perto do desfecho, depois de tudo o que conseguira fazer, de saciar a fome, quase enfastiado? “Não”, pensou resolutivo. Não é culpa.

Voltou à Mercedes. O amarelo-manga tinha se transformado em laranja

escuro. Quando fechou a porta do carro, todo o cansaço acumulado nos últimos dias pesou sobre seus ombros. Era cansaço, o que sentia. A vida em excesso, visceral, nunca dá licença ao medo ou à culpa, mas pode capitular diante da fadiga extrema.

Adormeceu antes de conseguir dar a partida. Ajudado pelo silêncio quase absoluto. Embalado pelo mesmo vento que convencia as ondas diminutas a morrerem na parede cinza do calçadão.

11. A SURPRESA

Quando vi, o carro já estava cercado. A primeira pancada acertou o vidro ao meu lado. Seguida de outras investidas sobre a lataria e os vidros restantes. Logo conseguiram me puxar pela janela estilhaçada. E intuía que eram centenas deles. Alguns cortes talharam meu corpo, mas, incrivelmente, não senti nada. Os mais revoltados me arrastaram por alguns metros, enquanto outros desferiam mais golpes.

É óbvio que tentei me mover, me livrar daqueles socos e pontapés, da gritaria que me rodeava, mas não conseguia. Não comandava meu corpo, parecia que o cérebro tinha perdido essa função. Estava desmembrado do resto, a não ser pelo fato de permanecer alojado na cabeça.

Reconhecia alguns rostos, mesmo que desfigurados por caretas de raiva: e o mais marcante era o de Vera. Empunhava um bastão pesado, que levantava e soltava sobre meu corpo com uma força incomum para seu tamanho. Atrás dela, dentro de um caixão opulento, coberto de ouro, jazia o corpo do juiz.

Conseguí me ver, num espelho externo do carro. O rosto minado de cortes, irreconhecível. Braços e pernas quebrados, o corpo formando um conjunto incongruente. E eles não interrompiam as pancadas. Resisti por mais alguns minutos e apaguei.

12. A REDENÇÃO

Jorge acordou sobressaltado, consultando os braços e as pernas para certificar-se de que estavam ainda ligados ao tronco. Dormira. Mais, sonhara, o que não fazia há dias. O sol começava a nascer por trás dos morros da capital, colorindo o rio. Uma neblina tênue era descerrada aos poucos. O calçadão ainda vazio. Estava quase na hora.

Deixou a Mercedes amarelo-manga pela última vez. O céu amanhecera limpo, num azul imaculado. Acendeu o charuto, aparou os óculos de lentes espelhadas no rosto e esperou. Não aguardou muito. Logo elas refletiram a procissão que dobrava a esquina, distante. Eles eram mais previsíveis do que pensava. Ainda com dificuldade para definir qualquer coisa, Jorge iniciou um palmilhar lento e regular.

Alguns metros à frente, notou que parte do que sonhara há pouco fora transportado para a realidade ou era imitado por ela. Não eram centenas, mas milhares. Carregavam, como no sonho, um caixão opulento.

O cheiro que sentia tornara-se agradável. Cheiro de vida. A vida pulsando. A cidade parecia respirar com mais facilidade. E Jorge fora o principal responsável. Não queria brincar de Deus. Nunca quis. Mas, de certa forma, interferiu na vida daquelas pessoas que se aproximam lentamente como quem as comanda. Embora não requeresse nenhuma beatitude, não se eximiria dessa responsabilidade. Se elas foram abandonadas por Ele, Jorge estava disposto a

dar as cartas — e o fizera, até agora.

O primeiro tiro alcançou o peito de Jorge como um aviso. A realidade é sempre mais dura do que o sonho. E a dor experimentada causou uma pausa na caminhada. Conseguia definir agora as roupas de quem estava na procissão, desconfiava até que reconhecia alguns rostos e vozes que vociferavam contra ele. Prosseguiu mais alguns passos, o sol brilhava com autoridade no céu, o movimento no centro seria já frenético, caso todos que lá trabalham não viessem em sua direção, na avenida principal, com o rio como testemunha.

O segundo tiro reiterou o aviso. A pausa foi maior do que na primeira vez. Mas a certeza do que fizera, a proximidade do fim, daquela angústia que o acompanhava há dias, sistemática, pontual, que estava prestes a terminar, mantiveram-no em pé. A saliva começou a engrossar, avermelhada. O gosto e o cheiro agora eram de sangue. O sangue de Jorge. E o palmilhar tornara-se irregular, arquejante.

O terceiro e derradeiro tiro entrou em Jorge quando a distância para a multidão era quase nula. Agora sim, definia as feições daqueles que empunhavam o caixão como um troféu. Vera estava no pelotão de frente. Longe daquela apatia diária, gritava com uma energia comovente. Ajoelhado, respirando com maior dificuldade, Jorge viu Lucia. Permanecia aprisionada àquelas tensões, contribuía nos gritos, garantindo seu quinhão de ética, mas revelava nas roupas a vontade de ser comida a qualquer momento. Ainda entre aqueles milhares, Jorge avistou os pais. Havia quase esquecido deles. Não voltara para casa. Porém, as mudanças ficavam por aí, o pai carregava, como sempre, o olhar austero e reprovador. E a mãe, da mesma forma, olhos benevolentes e de uma

incompreensão resignada.

Todos passaram, certificados da morte iminente de Jorge. Aliviados, a caminho do cemitério, revezando-se na tarefa de empunhar o caixão. Quase todos.

Jorge respirava seus últimos segundos, quando Eduardo aproximou-se, e amparou o homem de óculos estranhos, peito avermelhado, cheirando a morte. Com os olhos alertas e Jorge nos braços, esforçou-se para ler nos lábios que mal se moviam uma frase: “A fome da mente é o combustível do corpo.”.

E despertou.



mojo
BOOKS

www.mojobooks.com.br